REPRESENTAÇÃO E SENTIDO DE PERTENCIMENTO DOS HIP HOPPERS EM SÃO PAULO E LISBOA

Rosana Aparecida Martins
Universidade Nova de Lisboa

Tomando as associações juvenis na contemporaneidade como ponto de partida, este estudo discute a cena urbana atual e as políticas públicas dirigidas aos jovens, através da dinâmica de comunicação marcada por membros da Zulu Nation Portugal (Lisboa, Portugal – fundada por brasileiros) e da Associação Posse Hausa (São Paulo, Brasil). Observamos as relações estabelecidas pelos membros em relação ao espaço de sociabilidade e formas de representação. Em outras palavras a forma como os membros expressam as saídas para os diversos conflitos presentes no cotidiano e, os diversos elementos que influenciam na constituição das identidades partilhadas.

Palavras-chave: juventude, hip-hop, globalização, periferia, pertencimento, estudos culturais

O presente ensaio segue como resultado do estudo que vem sendo realizado na Universidade Nova de Lisboa, Portugal, no Centro de Investigação de Media e Jornalismo (CIMJ) sobre agrupamentos juvenis periféricos e a cultura hip-hop¹. Do ponto de vista da episteme, este debate está inserido no campo da Comunicação e Ciências Sociais e, desenvolve-se tendo como referencial teórico-metodológico os estudos ancorados na perspectiva dos Cultural Studies, no tocante às concepções de cultura e identidade, sobretudo na abordagem sobre o entendimento do espaço público enquanto arena de argumentação discursiva e terreno de visibilidade e legitimidade. Nesta perspectiva, visamos identificar ações ligadas a cultura hip-hop e as formas estabelecidas pelos jovens periféricos, em relação aos espaços de sociabilidade e às formas de representação coletivas. Ou seja, de que forma os membros expressam as saídas para os diversos conflitos presentes no cotidiano e, os diversos elementos que influenciam na constituição das identidades partilhadas.

1 Esta pesquisa encontra-se inserida no âmbito do programa de pós-doutoramento da Fundação para Ciência e Tecnologia (FCT).

CONSIDERAÇÕES SOBRE IDENTIDADES E DIFERENÇA NA CONTEMPORANEIDADE

A contemporaneidade inaugura uma cultura (ou sua incultura) indiferente aos valores transcendentais do universal, ao proporcionar a promiscuidade de todos os signos, a supremacia da positividade mercadológica e eficiência técnica, com a intensificação do processo de mecanização e fragmentação. De acordo com Jean Baudrillard (1998), estaríamos vivendo os múltiplos efeitos de um mundo cada vez mais complexo, com avanços tecnológicos, mas também com tensões e antagonismos. Fala-se de uma realidade estetizada, com o acúmulo de signos, imagens e simulações por meio do consumismo, levando a uma “desordem cultural” e a uma “indiferença por excesso”. Nesse cenário, descrito por Baudrillard, temos uma busca incessante de novas e efêmeras experiências e valores fluídos face a opções múltiplas, gerando ansiedade e alienação nos indivíduos.

Na busca de entender essa contemporaneidade, Zygmunt Bauman (2000) aponta para o estágio de liquefação em que nos encontramos; um estado de fluidez que não é apenas econômico (que transfere em questões de segundo volumes de capital de um canto do mundo a outro, ou de uma empresa que se instala em um país e dele migra tão rápido quanto entrou), ou político (mudanças contínuas de legislação, leis de patentes, fim dos direitos adquiridos dos trabalhadores, crise dos partidos tradicionais de esquerda e de direita, etc.), ela também se reproduz nas demais áreas da vida humana: nas relações pessoais e na vida cotidiana.

Quase todos os materiais têm sido experimentados, e o que não foi tentado acabará sendo – e o mercado de consumo se rejubila, enchendo galpões e prateleiras com novos símbolos de identidade, originais e tentadores, já que não foram aprovados nem testados. Há também um outro fenômeno a observar: a expectativa de vida cada vez menor da maioria das identidades simuladas, conjugadas à crescente velocidade da renovação de seus estoques. (Bauman, 2005: 88)

Nesse cenário, o mercado e o consumo surgem como os novos parâmetros norteadores da contemporaneidade. Essas mudanças de comportamento são os reflexos de uma sociedade consumista, a qual busca incessantemente o prazer e a satisfação instantânea, fazendo das relações sociais o mesmo que se faz com os produtos de vitrines que estão à disposição para serem consumidos e descartados imediatamente e substituídos por outros quando estes já não satisfazem mais as nossas necessidades de prazer momentâneo. Canclini (1999) vincula consumo e cidadania salientando que a cidadania hoje se faz mais pelo consumo do que pelos velhos agentes como partidos, sindicatos. Isso, em parte, porque estes foram um pouco substituídos pelos meios de comunicação e depois porque devido a tais meios houve uma reestruturação geral das articulações entre o público e o privado.

Se a marca da dinâmica cultural contemporânea é a heterogeneidade e a da sociedade a fragmentação, logo será na obra *Diferentes, Desiguales y Desconectados: Mapas de La Interculturalidad* que Nestor Garcia Canclini (2004), ao tratar da questão da identidade cultural, passará a assumir uma mudança de conceitos, isto é, a troca do termo multicultural pelo de intercultural. Para o autor é na interculturalidade que presenciamos os diversos tensionamentos e espaços de negociação e conflito aos quais as culturas estão colocadas, e não um espaço multicultural onde simplesmente supõe-se aceitação do heterogêneo. Ser cidadão hoje, segundo o autor, não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram num determinado território, mas também com as práticas sociais e culturais que dão o sentido de pertencimento a um mesmo grupo e, que se constrói e que muda em relação a práticas e discursos.

Assim como García Canclini, Jesús Martín-Barbero (1987) propõe um resgate da ação dos sujeitos - o reconhecimento destes agentes sociais e suas vivências, práticas populares, nos processos de comunicação. Martín-Barbero fala de sujeitos e de hegemonia, de contraposição e de resistências. Fala-se de um espaço contraditório, de um espaço de negociações, de um espaço onde se busca significações e produções de sentido na vida cotidiana. Portanto, torna-se necessário precisamente possibilitar o reconhecimento e visualização desses agentes sociais enquanto sujeitos históricos, produtores de saberes e conhecimentos.

No âmbito da visão multidisciplinar dos Estudos Culturais o embate entre “localização da cultura” - para usar livremente a expressão de Homi Bhabha - e a questão da desterritorialização, introduzida pelos fluxos globais, (teorizada também por Stuart Hall), desencadeia uma lógica que não exige o fim das referências locais, mas as reinscreve num terreno em que estas não mais podem se definir pelo isolamento nem tampouco pela territorialidade.

Stuart Hall (2006), ao fazer menção ao autor Ernest Laclau, acentua os aspectos negativos, mas também positivos do espaço-tempo contemporâneo. Diante do quadro das identidades na contemporaneidade, o autor afirmará que ao desarticular as identidades fixas e estáveis do passado, temos aqui também perspectivas para novas articulações que permitem a criação de novas identidades e a produção de novos sujeitos. Se, de um lado, a nova contextualização social tende a gerar processos de perda das referências tradicionais na construção de identidades, por outro, o atual cenário social da globalização do consumo e da sociabilidade, ao propiciar formatos comuns com que se organizam os serviços e demais instituições do mundo urbano não apagam totalmente as particularidades do local, do cotidiano, mas estes passam por uma tradução. No que tange ao conceito de tradução cultural presente no processo da hibridização, Homi K. Bhabha destaca:

[...] o presente não pode mais ser encarado simplesmente como uma ruptura ou um vínculo com o passado e o futuro, não mais uma presença sincrônica: nossa autopresença mais imediata, nossa imagem pública, vem a ser revelada por suas descontinuidades, suas desigualdades, suas minorias. (Bhabha 1994: 23)

Tradução é um instrumento usado em espaços intersticiais, que são sempre regiões de negociação. É esse o espaço em que as formas e códigos criados por um grupo são desafiados e modificados, jogando por terra a pretensão de uma pureza cultural. Traduzir é colocar povos em contato, é abordar o outro, aproximar-se e deixar-se tocar pelo desconhecido, resgatar e promover a visibilidade de vozes apagadas. Em lugar de reificação e submissão imediata à uniformidade dos sentidos, temos o dialogismo e a apropriação reflexiva.

CULTURA HIP-HOP E IDENTIDADES

Com forte influência dos movimentos negros da década de 1960 e da cultura de rua, o hip-hop construiu uma ética e uma estética inovadoras para a juventude pobre moradora das periferias dos grandes centros urbanos, com o intuito de se colocar como alternativa ao modo de vida dos jovens, de valorizar a cultura popular e as diferenças étnico-raciais. Trata-se de um empreendimento coletivo, e abarca manifestações artísticas nos campos da música (rap, sigla derivada de rhythm and poetry – uma espécie de canto falado ou fala rítmica); das artes visuais (graffity); da dança (break); dj (disc-jockey), e o quinto elemento - utilização do hip-hop para o movimento político, não partidário.

Ao ocupar o espaço público com suas expressões artísticas, esses sujeitos inflexionam a relação periferia-centro, trazem à tona as relações de poder implícitas nessa polaridade, que circunscreve não apenas a ocupação do espaço urbano, mas implica o acesso diferenciado aos bens materiais e simbólicos (Martins, 2005). A consciência negra, a auto estima, a união da classe marginalizada da periferia toma forma nas letras, coreografias, nos grafites e discursos dos integrantes da cultura. Além desta nova consciência, outro aspecto do hip-hop, um de seus mais elementares, é mostrar a realidade da periferia, suas dificuldades dentro do pequeno espaço conquistado dentro da grande mídia.

A participação na produção e transmissão das mensagens, nos mecanismos de planejamento e na gestão do veículo de comunicação comunitária contribui para que se tornem *sujeitos*, protagonistas da comunicação e não somente receptores. Construídas nas interações sociais, as representações sociais juvenis acabam por se constituir, portanto, em mediações entre os sujeitos e o mundo, interpenetrando sentimentos, idéias, biografias, ideologias, fundindo as histórias dos sujeitos com as histórias das nações; e apropriadas pelos sujeitos para dar sentido às suas ações, à sua vida.

Cotidianamente jovens periféricos dos grandes centros urbanos aparecem na grande mídia normalmente vinculado a ações de rebeldia e violência, a relação com gangues e narcotráfico, quase sempre como vítimas de tais ações e, mas muitas vezes mais como os promotores. Os *hip hoppers* tentam combater a estrutura histórica de desvalorização da periferia e, por conseguinte, qualquer noção unidirecional da mesma. As subculturas dos coletivos ligados ao hip-hop comportam maneiras criativas ao reivindicar o reconhecimento social e resistir aos padrões estabelecidos, bem como formas inovadoras de inserção nas esferas da vida social; dada sua presença marcante nas sociedades contemporâneas, contribuem decisivamente para a produção e renovação do repertório de valores e práticas sociais.

A participação do cidadão no ambiente social é o que define a cidadania. E, acrescentaria: a questão da cidadania deve estar atrelada à participação do ator social e à pluralidade de seus interesses, na ampliação das oportunidades e na maximização da liberdade individual. É nessa articulação que atores da sociedade civil se metamorfoseiam em intermediadores de interesses políticos, constituindo-se em corresponsáveis pela tradução e transmissão para a dimensão político-institucional das mais diversas reivindicações produzidas no interior do tecido social, contribuindo, dessa forma, para o enraizamento de valores democráticos nas “práticas cotidianas” (Costa, 2002).

Ao reivindicarem sua integração na sociedade enquanto sujeitos coletivos de direitos, os jovens vinculados à cultura hip-hop se orientam em torno de um sentimento de “Nós” que é construído ou por compartilharem a mesma categorização social (jovens pertencentes às periferias das grandes metrópoles, na sua maioria negra ou mestiça) e/ou por estabelecerem um projeto coletivo de futuro para si e para a sociedade como um todo (Melucci, 1996). A identidade coletiva, nesses termos, também estabelece um conflito com um adversário, um “Eles”, politizando, assim, os espaços de lutas sociais para a transformação das relações de opressão em princípios de justiça e solidariedade.

A luta pelo reconhecimento social é um debate atualíssimo na contemporaneidade, sendo que os grupos que são denominados de minoritários passaram a reivindicar o direito de ter a liberdade de escolher a sua própria identidade social, não aceitando a identidade que lhes foi

imposta arraigadas de preconceitos e estigmas sociais. A protagonização de jovens, moradores das periferias dos grandes centros urbanos, em torno de ações na busca por reconhecimento na esfera da estima social, como definido por Axel Honneth (1996), assim como a auto-realização, e o encorajamento mútuo da individualidade, perpassa alguns dos tópicos que pretendemos discutir na tentativa de propor um entendimento sobre que tipo de reconhecimento social é almejado pelas agremiações juvenis ligadas ao hip-hop.

CONSTRUINDO E DESCONSTRUINDO “IDENTIDADES” - ASSOCIAÇÃO POSSE HAUSA

“HIP HOP com responsabilidade racial”

Posse Hausa

“Posse” define-se como grupos coletivos que se organizam localmente, em seus bairros ou regiões, com o objetivo de resgatar a auto-estima da juventude local e promover a conscientização política. Nas *posses* os jovens marginalizados se transformam em autores e interventores de suas realidades, uma atuação que vai além das discussões. Busca-se o conhecimento através de reuniões de formação, leituras de livros e vivenciando a realidade como ela é; são detentores de um senso crítico, construindo um discurso contra-hegemônico da sociedade.

[...] o hip-hop faz com que as pessoas sejam vistas como cidadãos pelo fato de entenderem as leis e conquistarem um maior espaço partindo da formação de cidadania [...] posse não é sentimento, mas um movimento, social podemos dizer, pois é por meio da cultura e do entendimento da história que fazemos com que o nosso crescimento pessoal seja alcançado e, com isso, tomamos posse da história, da verdade. (Mateus Martins, 37, membro da Associação Posse Hausa. Entrevista realizada em São Paulo, 05 de junho de 2012)

Ser um hip-hopper na Posse Hausa significa ter responsabilidade com um movimento político-cultural que serve como instrumento de atuação nas comunidades, tanto para diversão como para a mudança social, é um dever utilizar-se dos cinco elementos desse movimento para transformar a vida das pessoas. Ser hip-hopper é falar o que vive, o que sente, expressando com seu jeito particular como você enxerga o mundo que o cerca”. (Oadq citado por Santos, 2010)²

Portanto, a importância de uma coletividade como “*posse*” segue daí: ela evidencia um “nós” necessário para a constituição de cada ser humano individual, processo que dá testemunho ao fato de que vidas individuais não se formam apenas no interior das estruturas burocráticas institucionais, mas principalmente de fora, ou seja, das arenas interacionais, das arenas públicas de diálogo cujo indivíduo conversando com os outros atualiza sua crítica ao mundo, cria outra lógica fora da normalidade social.

Posse Hausa, é uma entidade civil sem fins lucrativos de jovens ligados a cultura hip-hop localizada na cidade de São Bernardo do Campo, um município brasileiro na região Metropolitana de São Paulo, e que funciona desde 26 de junho de 1993 como associação de jovens sem fins lucrativos. O reconhecimento formal do grupo é visto como um passo positivo

2 Honerê Al-amin Oadq, é membro da Associação Posse Hausa de São Bernardo do Campo, São Paulo.

no sentido da incorporação política nos processos de decisão na comunidade local – uma forma mais eficaz de representação e de pressão política e social.

A Posse Hausa vêm estimulando a parceria, o diálogo local e solidariedade entre os diferentes segmentos sociais, ao participar em conjunto com outras entidades de atividades que objetivem interesses comuns, visando desenvolver trabalhos de parceria com órgãos públicos e entidades civis. A Hausa, com sede provisoriamente localizada na residência de um membro do grupo, vem sobrevivendo em grande parte através do esforço próprio dos seus integrantes, sobrevivendo muitas das vezes de doações dos próprios membros, sendo que grande parcela dos componentes possuem um outro emprego, geralmente, fixo.

[...] temos nossos empregos fixos e fazemos algo para melhorar a sociedade em que estamos inseridos, pois somos, enquanto maioria negra, que participa deste movimento, os mais afetados pela discriminação, por ser periferia, pobre e negro. (Mateus Martins. Entrevista realizada em São Paulo, 05 de junho de 2012)

Organizar-se através de uma *posse* significa constituir um laço familiar de solidariedade entre os seus membros, através de valores que visem melhorar suas condições de vida e a do próximo. A juventude local se identifica com a cultura hip-hop e encontra uma alternativa de expressão, como forma de protestar contra a injustiça social que os afeta diretamente. Ao combater a exclusão social e a violência urbana através de ações e processos de capacitação de jovens na utilização da cultura hip-hop, estes agrupamentos de jovens delineiam um projeto coletivo onde problemas são compartilhados e busca coletivas de soluções são discutidas, tendo, inclusive, a intencionalidade de tornar pública tal condição dialogando com outros agentes sociais e/ou institucionais. A informação gerada por esses agrupamentos de jovens assume características qualitativas na medida que instiga geração de conhecimento e passa a auxiliar nos processos de mudança dos sujeitos sociais e da sociedade.

Eventos culturais realizados pela Posse Hausa na comunidade local de São Bernardo do Campo, 2007 (foto cedida por Mateus Martins).

O grau mais alto de participação é a autogestão, na qual o grupo determina seus objetivos, escolhe seus meios e estabelece os controles pertinentes, sem referência a uma autoridade externa. Na autogestão desaparece a diferença entre administradores e administrados, visto que nela ocorre a autoadministração, com estruturas não burocráticas e até informais, e com formas coletivas de tomada de decisões, praticadas com um certo distanciamento social relativamente pequeno, entre liderança e demais participantes (Melucci, 1996).

Com o objetivo de difundir a cultura hip-hop e afro-brasileira, a Associação Posse Hausa participa ativamente de fóruns nacionais e internacionais, na qualidade de palestrantes, de ouvintes ou de rappers. A Hausa vem proporcionando atividades educacionais e sócio-culturais, realizando conferências, seminários, cursos, treinamentos, palestras nos temas voltados ao meio ambiente, gênero, raça, classe, e suas manifestações discriminatórias e preconceituosas. A principal bandeira da Posse Hausa é a expansão do hip-hop nas ruas, onde ele nasceu, sem perder suas características, promovendo a luta contra o racismo, contra o genocídio da juventude negra periférica, pelos direitos das mulheres negras e contra toda a forma de exclusão. Outra característica sempre presente é o combate às drogas, vistas como uma das principais armas de extermínio da população negra periférica.

O hip-hop enquanto manifestação cultural associada a origem africana-diaspórica encontra-se vinculada naquele espaço denominado por Paul Gilroy de *Black Atlantic*. Por meio desse conceito, Gilroy (1995) confrontou as posturas comuns entre os pensadores da condição negra, argumentando, de modo convincente, contra os discursos de inspiração nacionalista e romântica que têm a África como origem de uma cultura negra pura. Foi, pois, com a metáfora do “Atlântico Negro” que Paul Gilroy remeteu ao sentimento de desterritorialização da cultura em oposição à idéia de uma cultura territorial fechada e codificada no corpo, buscando explorar as relações entre raça, nação, nacionalidade e etnia. Deste modo coloca em xeque o mito da identidade étnica e da unidade nacional, para pensar em novas bases a cultura e a(s) identidade(s) negra(s), enfatizando, sobretudo, o problema e os limites da identidade étnica e racial. O autor demonstra como as culturas africanas, na África e na diáspora, nunca viveram hermeticamente fechadas em si mesmas, nem são vistas no campo unidirecional, antes compondo um espaço de profundas trocas culturais e identitárias.

Desse modo, ao transgredir as imagens homogeneizadoras, os membros da Hausa constroem sua noção de “negritude” e de hip-hop racial sob a chave da interação entre sistemas comunicativos e de contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem; isto é, a partir da identificação de elementos comuns encontrados na história da diáspora africana e das experiências singulares de discriminação e de segregação vivenciados pelos componentes do grupo na comunidade local. Nesse processo, a história de luta e resistência de seus antepassados, é projetada na história vivida e resignificada.

A associação participou da criação do Acervo Especial de Culturas Africanas e Afro-Americanas em parceria com o Movimento Negro Unificado, na Biblioteca Jardim Paineiras, em Diadema, (região industrial da parte metropolitana de São Paulo), sendo esta a única referência para leitores e pesquisadores da temática na região do ABC. Este acervo, também surge no centro das discussões acerca de políticas públicas para a população negra. O grupo participou também do encaminhamento de minutas de projetos de lei, que inclui nos currículos escolares da rede municipal de Diadema e Mauá, assuntos relacionados a África e a contribuição sócio-

econômica e político-cultural dos afro-brasileiros na sociedade brasileira – leis estas que foram aprovadas.

Evento realizado no dia 06 de maio de 2007, em São Bernardo do Campo, em repúdio ao genocídio da Juventude Negra (foto cedida por Mateus Martins , Posse Hausa).

Dos seus trabalhos à comunidade destacamos trabalhos desenvolvidos sobre a questão racial na área da educação e cultura com o Movimento Negro Unificado e Departamento de Cultura de São Bernardo do Campo; participação na organização juntamente com o Movimento Negro Unificado e Projeto “Meninos e Meninas de Rua”, da primeira passeata da Juventude Negra Periférica em São Bernardo do Campo; efetuou trabalhos para recuperação de jovens na *Febem* de Tatuapé e, palestras dentro do projeto DST/AIDS; além de eventos na esfera do cultural. E, pela expressiva importância política e cultural no hip-hop de São Paulo, a *Posse* foi instrumento de estudo de tese de Mestrado na Universidade de São Paulo pela educadora Elaine Nunes.

A educação é fundamental para o grupo, porque é ela que possibilita o acesso ao conhecimento, às novas formas de leitura da história, exercendo um papel central nessa nova construção da cidadania.

As ações políticas e sociais do hip-hop se realizam através do seu quinto elemento: o conhecimento. Sem o conhecimento o rap, o break e o grafite não teriam esse caráter informativo e conscientizador das questões sociais. Ser um hip-hopper exige a busca de um conhecimento que vai além daquele ensinado nos livros didáticos. (Alexandre dos Santos, 26, é membro da Associação Posse Hausa. Entrevista realizada no dia 17 de junho de 2012 em São Paulo)

A educação transformadora, popular, crítica, que dialoga com a realidade dos sujeitos envolvidos, nos remete aos ideais introduzidos pelo educador Paulo Freire, cujos princípios da educação popular estão relacionados à mudança da realidade opressora, ao reconhecimento, à valorização e à emancipação dos diversos sujeitos individuais e coletivos. A conscientização, a

prática e a reflexão sobre a prática formam a categoria de organização da educação popular e são elementos básicos para a transformação social.

A vivência grupal e a prática social dos jovens na *Posse Hausa* apontam para um crescente e significativo ato educativo, no qual a participação comunitária e a formulação de questões vão garantindo a consciência política de cada componente (Andrade, 1996). A articulação dos agentes propicia a luta pela produção de novos discursos, de novas verdades e de outros saberes. Aprender a falar, opinar e formular questões, são os atributos encontrados na dinâmica ou prática social da Hausa.

VISÕES PERIFÉRICAS, PARTICIPAÇÃO E RECONHECIMENTO – ASSOCIAÇÃO DIALOGO E ACÇÃO/ZULU NATION PORTUGAL

Os zulus estão unidos em todos os capítulos do mundo para juntos com outros com convicções semelhantes, possam trabalhar para o mesmo fim, para substituir a negatividade [...] incentivar os jovens a nascerem de novo, crescerem pessoalmente, baseado no respeito mútuo e no incentivo do conhecimento e na auto-estima. PEACE!!!!

Zulu Queen Ana Rita

Em diversos países, a cultura hip-hop tem servido de veículo de expressão para jovens que passam por situações de opressão ou discriminação. Nesse âmbito, a cultura hip-hop em Portugal tornou-se a senha para a definição de novas formas de localidades-identitárias (locais, regionais, nacionais) e de novas globalidades - identitárias – que chegam a atravessar fronteiras. Desse modo, o poder de aglutinação vem exatamente de sua capacidade de tradução e ampliação do sentimento de injustiça presente entre populações que vivem à margem da efetivação de justiça social, ou seja, da inclusão e do reconhecimento dos princípios de igualdade. Nos bairros sociais e degradados de Lisboa, Portugal, o hip-hop vem servindo como ferramenta de integração e inclusão social. O que se nota como constante são as condições insuficientes de infra-estrutura, resultando condições degradadas de vivência e existência cotidiana. As imagens produzidas pelos meios de comunicação social estabelecem diferenças e reforçam formas de classificação ao estigmatizar territorialmente os bairros sociais como espaços degradados, publicamente etiquetados como zonas de «não-direito», para usar o termo de Loïc Wacquant (2001), espaços marginalizados e indiferentes, associados a guetos de jovens negros ligados a criminalidade. O não-reconhecimento do outro como sujeito de interesses e aspirações representa nada mais do que uma forma de sociabilidade que por hora não se completa, porque regida por uma lógica de anulação do outro como identidade.

O engajamento dos jovens em organizações sociais e sua influência crescente na definição de políticas públicas apontam indícios de que eles fazem parte da solução para os problemas. Estas agremiações fornecem aos jovens periféricos novos modelos de atuação, aquisição de novos saberes e protagonismo social, assim como novos espaços de influência de pertença. A leitura feita destes agrupamentos juvenis implementam ações que acabam por contribuir à possibilidade de construção da cidadania em respeito a suas diferenças e direitos.

A *Associação Dialogo e Acção*, entidade que representa a Zulu Nation em Portugal, sem sede própria, vem desenvolvendo suas atividades provisoriamente nas dependências de uma igreja na localidade do bairro social da Reboleira, freguesia do concelho da Amadora, pertencente ao Distrito de Lisboa. Dentre suas ações vem aparando, orientando e defendendo os direitos dos jovens e das mulheres, imigrantes residentes em bairros sociais, com ações diretas, trabalhando sempre com o diálogo de paz, cidadania, a auto-estima e a valorização das suas potencialidades artísticas, capacitando, assim, agentes culturais mediadores e multiplicadores da mensagem.

Projeto Hip-Hop de Batom.

Através de suas ações a associação vem exercitando o que diríamos de “descentramento do olhar colonizador”, a partir do argumento de que o indivíduo constrói sua alteridade a partir do momento em que começa a contestar o olhar do colonizador sobre si. O ponto central que está por trás desse olhar pós-colonial é lutar, como diz o teórico argentino Walter Mignolo (2000), por um deslocamento do locus de enunciação. O interesse é de relocação. Não se trata apenas de devolver o olhar, mas de tentar mudar a origem do olhar, exercitando assim a hermenêutica pluritópica. Dito de outra forma, criar espaços de possibilidades do subalterno se subjetivar autonomamente.

Visando a expansão das redes sociais para além das fronteiras do bairro, a associação vem participando em redes internacionais de hip-hop buscando parcerias com outros coletivos, que partilham da mesma filosofia do grupo, buscando o alargamento das áreas de intervenção. Em 2010, por exemplo, com o apoio Fundação Calouste Gulbenkian, Dialogo e Acção, recebeu apoio para o projeto “Hip Hop de Batom”, que através das várias vertentes do hip-hop – canto, dança, dj e graffiti – e num meio ainda vincadamente masculino, pretendeu dar espaço à voz das mulheres e promover a igualdade de género e o exercício dos direitos de cidadania das mulheres, com vista ao decréscimo da violência pública e privada que submete muitas mulheres a constrangimentos, a discriminações, a desigualdades de oportunidades de acesso ao emprego ou que as atira para a prostituição, tornando-as vitimas dos traficantes da indústria do sexo entre outras tantas agressões ainda exercidas contra elas.

No âmbito deste projeto, foram desenvolvidas diversas atividades, visando a troca de experiências entre as mulheres envolvidas no projeto “Hip Hop de Batom”. Mostras de filmes e documentários sobre a importância da mulher e da cultura hip-hop, exposições e espetáculos ao vivo com especial apelo às mulheres artistas de zonas urbanas periféricas ou a participação das jovens do grupo Hip Hop de Batom em seminários sobre o tema Violência Contra as Mulheres, são exemplos de algumas iniciativas realizadas. E um dos resultados obtidos através de um curso frequentado pelas rappers foi a realização de uma letra escrita pelas integrantes falando da mutilação genital feminina e a ilustração visual feito pela grafiteira do grupo.

Show Hip-Hop de Batom, Calouste Gulbenkian, 2010 (foto cedida por Ana Rita Chaves, Dialogo e Acção).

Dar visibilidade às mulheres do hip-hop e às suas obras através da exposição e apresentação dos seus trabalhos artísticos é, também, dar voz às excluídas dos bairros sociais, divulgar e

promover as mulheres do hip-hop nos meios de comunicação social e a arte do hip-hop também como expressão pública da denúncia da violência contra as mulheres.

[...] Até quando se irá ignorar?/People da *tuga* [*tuga* é uma expressão utilizada para designar o(s) português(es). *Tuga* é uma abreviatura de *Portuga* que, por sua vez, é uma derivação regressiva de *português*] não vamos vassilar/Aqui perto e longe como se não fosse nada/A mutilação continua a ser praticada/Quem sabe e não denuncia pratica cumplicidade/Passando a fazer parte desta atrocidade/Num mundo dito moderno cheio de informação/Será que chega a todos? Parece-me que não/O esforço e contributo de muitos perde o efeito/Se não houver denúncias pouco oh nada será feito/Uns imitam outros sem nenhuma justificação/Ninguém conhece a origem cara ou religião [...] Crianças pequenas dor nos seus olhares/Sofrimento magoas difíceis de explicar/Até quando se irá ignorar/O que a mutilação está a causar/Todos os dias doenças transmitidas/Muitos ferimento e graves feridas [...] *C'est Plus que triste de voir/ des situation comme celle ci/ cest comme une bombe sur ma mentalité que me fais pleurer et crier/ quand je regard la rialite/ la Mutilation Genital cest un crime Fatal siecle vint-un pour les developés/ cette pratique elle est encore vivant/ chez elle, chez elle toujours elle/ il a des gens que avance/et des gens que vis la ignorance/ il faut changer l'atitude de la tuer/ mes freres mes soeurs Pitié.* (Hip Hop de Batom, 2009)

A letra “Mutilação Genital” do grupo de rap “Hip Hop de Batom”, escrita no idioma português (língua oficial das integrantes) e francês (aqui a intenção foi denunciar a existência em alguns países de língua oficial francesa, que praticam a mutilação genital), relata exatamente que a violência *contra* as mulheres é um mal presente em todo o mundo. Faz-se aqui uma denúncia à luz de um quadro mais amplo.

Em 2010 foi realizado o primeiro encontro de hip-hop feminino em Lisboa, Portugal, e realizou-se um encontro de três fins-de-semana. O fio condutor do projeto foi a sensibilização e capacitação de jovens mulheres, não só como agentes culturais para a inclusão de outras jovens mulheres, a partir de uma linguagem artística aceite nos bairros de onde são provenientes, mas também como agentes de mediação e diálogo para a paz e para a resolução de conflitos.

A formação destas jovens teve como objetivo preparar e transformar as participantes em agentes multiplicadoras, habilitando-as para trabalhar nas suas comunidades. Tendo em conta que os bairros nos quais a associação trabalha têm um alto índice de portadoras de HIV/SIDA, foi também nessa área que insistiram a nível da formação. Com mais segurança e conhecimento estas jovens ajudariam na prevenção de HIV/SIDA e das doenças sexualmente transmissíveis, na prevenção da gravidez na adolescência, no estímulo da auto-estima das mulheres do seu bairro, passando também informações úteis para o dia-a-dia delas, fortalecendo a rede de mulheres, criando alternativas e dando respostas às suas dúvidas.

“Hip Hop pela Paz” é outro projeto que atualmente é realizado pela Associação Dialogo e Acção/Zulu Nation Portugal, tendo como objetivo o desenvolvimento pessoal e social, a integração e educação para a cidadania, através do hip-hop enquanto veículo de informação cultural. O projeto integra jovens de bairros sociais de Lisboa - Sta Filomena, Cruz Vermelha (Cascais), Amadora, Queluz, Sintra, Apelação (Loures), Quinta da Princesa (Seixal), Estoril, Chelas e Fim do Mundo -, num total de 20 jovens, dos 14 aos 28 anos, envolvidos na multiplicação de ações de paz e não-violência. O projeto vem fortalecendo os talentos, qualidades e competências dos jovens envolvidos, contribuindo, com isso, para o processo de inclusão social dos jovens no quotidiano cultural do seu bairro.

No dia 10 de Setembro de 2011, o anfiteatro ao “Ar Livre” da Fundação Calouste Gulbenkian, acolheu o concerto de lançamento do cd Hip Hop Pela Paz, que visou a promoção

da não-violência e do diálogo, no sentido de potenciar a criatividade rítmica e musical, num contexto de interação sociocultural e de inclusão social.

Projeto Hip-Hop pela Paz, 2011 (foto cedida por Ana Rita Chaves, Dialogo e Acção) .

Quero sempre ser original e me manter dentro de uma filosofia com referência na Zulu Nation. Trazer a ideologia inicial do hip-hop, a unificação dos povos, a paz! Quero alertar a todos através de informações, que o pessoal não tem conhecimento com palavras que possam nos fazer crescer!”. (Jack Pot, rapper, é membro da Zulu Nation Portugal. Entrevista realizada em Lisboa, Portugal, no dia 24 de julho de 2012)

Não se trata de uma vontade temporária, não se trata de uma moda, não se trata de um passa-tempo. Trata-se de procurar, com as nossas capacidades e ou dons, melhorar o mundo à luz do 5º Elemento - a que designamos como Conhecimento. (Nicandro Francisco de Barros Mendes, 24, rapper, membro da Zulu Nation Portugal. Entrevista realizada em Cacém, Portugal no dia 05 de julho de 2012)

Subjacente à vontade de participar encontra-se um sentido cívico, uma preocupação social, um sentimento de bem-estar por realizar algo que é positivo para um outro, nomeadamente o grupo a quem a atividade se destina. À luz disto, o simples fato de participar implica forte apelo na criação e experimentação de formas diferentes de relações sociais cotidianas no exercício de espaços de relações mais solidárias, de consciência menos dirigida pelo mercado, de manifestações culturais menos alienadas em reação às várias deficiências da esfera social que se manifestam na periferia do sistema.

Quando você está participando de um coletivo você se sente mais importante até mesmo para você, tanto a sua auto-estima, quando da importância que você se dá para si. Eu consigo exercitar o que eu gosto, o que eu sei fazer. Quando você está no coletivo, quando nos unimos torna mais forte. (Cátia Andrade, Gata, 28, rapper do grupo Hip-Hop de Batom. Entrevista realizada em Lisboa dia 22 de Julho de 2012)

Um dos termos-chave utilizados por estas associações é protagonismo juvenil, que se traduz pela participação dos jovens nos contextos em que estão inseridos, no sentido de proposição de caminhos para a concretização da condição de cidadania. Nestes agrupamentos juvenis, ligados

ao hip-hop, os sujeitos sociais se comunicam e tomam conhecimento de seus direitos e deveres e, a partir deste momento, tomam decisões sobre suas vidas, seja de forma individual, seja de forma coletiva. A identidade de pertencimento se reforça como estratégia simbólica de busca de inclusão frente a contextos de fragmentação derivados de processos de desigualdade cada vez mais intensos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre jovens e espaço urbano, pressupõe a necessidade de propor uma abordagem que reconheça o ‘habitar’ como algo que se faz, que se produz ativamente. Trata-se de explorar a forma como os jovens navegam, circulam e habitam o espaço urbano, sempre tendo em conta as diferenças de gênero e a forma como a estratificação social reflecte-se quer na própria estrutura urbanística quer nos circuitos que os jovens inventam nela reproduzindo e recriando processos de significação dos lugares, as suas formas diferenciadas de ‘circular’ a cidade, como o que Certeau (1980) designa de ‘mapas’ e ‘circuitos’. Assim, a auto-encenação da cidade como espaço de diversidade desses “outros espaços”, mapas e circuitos está sendo cada vez mais documentada no hip-hop, o que leva a questionar o modo com o território luso brasileiro se auto-representa.

Construídas nas interações sociais, as representações sociais juvenis urbanas acabam por se constituir, em mediações entre os sujeitos e o mundo, interpenetrando sentimentos, idéias, biografias, ideologias, fundindo as histórias dos sujeitos no local e global; e apropriadas para dar sentido às suas ações no cotidiano. Estas agremiações foram potenciadas pela disseminação da democracia que deu aos grupos excluídos maior espaço de representação política e reivindicação, associado ao progresso na comunicação que permitiu articulações de luta novas em entes espistêmicos antes isolados e ainda a aceleração dos fluxos migratórios, criando fora do contexto de origem diásporas que apoiam exigências de reconhecimento cultural, fornecem aos jovens periféricos novos modelos de atuação, aquisição de novos saberes e protagonismo social, assim como novos espaços de pertença.

Emerge aqui uma preocupação com a identidade, tanto dos grupos quanto dos indivíduos inseridos neste contexto. Rever a identidade, questionar a identidade, reafirmar a identidade tornam-se exigências correntes. Pertencer a um movimento, a uma rede, a um campo ético-político, situar-se num campo discursivo, enfim, implica em experimentar o desafio da alteridade, inserir-se em lutas pelo reconhecimento ou pela reparação de injustiças e desigualdades.

É possível identificar uma diversidade de motivações que pode estar na base do estímulo sentido pelo/a jovem para dar os primeiros passos dentro desses coletivos ligados ao hip-hop, assim sintetizadas: afinidades simbólicas e afetivas face às atividades às quais se adere; necessidade ou desejo de expressar-se em termos identitários, em ligação com as raízes culturais africanas; acesso a formação e/ou oportunidade de emprego, conjugando gostos pessoais; oportunidade de conhecer pessoas e conviver, podendo interligar-se com laços de amizade, familiares ou comunitários, com forte peso das sociabilidades juvenis; resolução de problemas concretos que afetam o indivíduo ou o bairro onde reside, aliando o interesse individual a um sentido cívico de contribuir para o bem-estar coletivo.

Sintetizando, a leitura feita destes agrupamentos implementam ações que acabam por

contribuir à possibilidade de construção da cidadania, em respeito as suas diferenças e direitos. Os agrupamentos dos jovens vinculados ao hip-hop no espaço urbano lusofono acabam por remeter a um território tanto de encontro como de conflito e medo. São, portanto, um campo de pesquisa privilegiado para a compreensão e a decodificação dos significados e dos papéis sociais que se atribuem à juventude. Suas atividades viabilizam um canal permanente de diálogo entre o poder público e a sociedade civil, no que diz respeito ao controle democrático na configuração das políticas públicas endereçadas a jovens periféricos.

REFERÊNCIAS

- Andrade, Elaine Nunes de. 1996. Movimento negro juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.
- Baudrillard, Jean. 1998. *The Consumer Society: Myths and Structures*. London: Sage Publications Ltd.
- Bauman, Zygmunt. 2005. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bauman, Zygmunt. 2000. *Liquid Modernity*. Cambridge: Polity Press.
- Bhabha, Homi.K. 1994. *The Location of Culture*. London; New York, Routledge.
- Canclini, Néstor G. 2004. *Diferentes, Desiguales y Desconectados: Mapas de La Interculturalidad*. Barcelona: Gedisa Editorial.
- Canclini, Néstor G. 1999. *La globalización imaginada*. Barcelona: Paidós.
- Certeau, Michel. *L'invention du quotidien*. Paris: Gallimard, 1980.
- Costa, Sérgio. 2002. *As cores de ercília: esfera pública, democracia, configurações pós-nacionais*. Belo Horizonte: UFMG.
- Gilroy, Paul. 1995 *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness*. Cambridge/MA: Harvard University Press.
- Hall, Stuart. 2006 *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/Unesco.
- Hip Hop de Batom. 2009. 'Mutilação Genital', Track 04 of Hip Hop de Batom, Dialogo e Acção.
- Honneth, Axel. 1996 *The Struggle for Recognition: The Moral Grammar of Social Conflicts*. Cambridge: Polity Press.
- Martín-Barbero, Jesus. 1987. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili.
- Martins, Rosana. 2005. *Hip-Hop: O estilo que ninguém segura*, São Paulo, Esetec.
- Melucci, Alberto. 1996. *Challenging codes. Collective action in the information age*. New York: Cambridge University Press.
- Mignolo, Walter D. 2000. *Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges and Border Thinking*. Princeton. N.J.: Princeton University Press.
- Santos, Jaqueline L. 2010. *Re-significando a negritude através do hip-hop*. [Online], 12 abril, disponível: <http://possehausa.blogspot.com> [Acessado 08 janeiro 2012].
- Wacquant, Loïc . 2001. *Parias urbanos. Marginalidad en la ciudad a comienzos del milenio*. Buenos Aires: Manantial.

REPRESENTATION AND SENSE OF BELONGING OF HIP-HOPPERS IN SÃO PAULO AND LISBON

Taking the youth associations in the contemporary setting as a starting point, this study discusses the current urban scene and the public policies addressed to young people, through the dynamics of communication marked by members of the Zulu Nation Portugal (Lisbon, Portugal – founded by Brazilians) and Associação Posse Hausa (São Paulo, Brazil). We note the relations established by young members regarding the space of sociability and forms of representation. In other words, In other words, we are interesting in how members express the solutions to the various conflicts in everyday life and the various factors that influence the formation of shared identities.

Keywords: youth, hip-hop, globalization, suburb, belonging, cultural studies